



SANTOS, Luis Felipe Freire Dantas*
<https://orcid.org/0000-0002-0301-1587>

CAMARGO, Paulo Fernando Bava de**
<https://orcid.org/0000-0002-0120-676X>

RESUMO: Os efeitos locais de grandes conflitos, como os movimentos de independência, intrincados à paisagem cultural, ainda são uma temática pouco explorada na arqueologia brasileira. O presente artigo propõe uma análise da cultura material produzida ao longo do processo histórico de longa duração na região do Baixo Rio São Francisco, discutindo as possibilidades de interpretação do patrimônio arqueológico subaquático relacionado aos conflitos políticos e confrontos bélicos. Esses conflitos compartilham elementos relevantes, embora relacionados a períodos cronológicos distintos, como a presença estrangeira, motivações coloniais, aspectos econômicos e interesses contraditórios subjacentes às lutas pela independência dos territórios delimitados pelo Velho Chico. A análise se concentra nos reflexos regionais e locais dos tensionamentos promovidos por uma política colonial, tanto durante a guerra luso-holandesa quanto nos movimentos de independência brasileira, a partir da Revolução Pernambucana de 1817. O estudo envolve contextos arqueológicos, principalmente relacionados a naufrágios identificados na área. Ao investigar o patrimônio arqueológico associado a eventos conflituosos, o objetivo é revelar os gestos e ações repetidos que, ao longo de uma realidade de longa duração, foram silenciados, esquecidos ou até mesmo saqueados. A influência da escola dos Annales na arqueologia oferece uma estrutura analítica que permite que eventos específicos, como naufrágios individuais, sejam usados para interpretar processos culturais mais amplos.

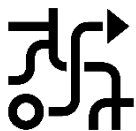
PALAVRAS-CHAVE: Conflitos; Arqueologia Histórica; Baixo Rio São Francisco.

ABSTRACT: The local effects of major conflicts, such as independence movements intertwined with the cultural landscape, are still a relatively unexplored theme in Brazilian archaeology. This article proposes an analysis of the material culture produced throughout the long-term historical process in the Lower São Francisco River region, discussing the possibilities for interpreting the underwater archaeological heritage related to political conflicts and military confrontations. These conflicts share relevant elements, although they relate to distinct chronological periods, such as foreign presence, colonial motivations, economic aspects, and conflicting interests underlying the struggles for independence of the territories delineated by the Velho Chico. The analysis focuses on the regional and local reflections of tensions promoted by colonial politics during the Dutch-Portuguese War as well as during the Brazilian independence movements, starting with the Pernambucan Revolution of 1817. The study involves archaeological contexts, mainly related to shipwrecks identified in the area. By investigating the archaeological heritage associated with conflictive events, the objective is to reveal repeated gestures and actions that, throughout a long-term reality, have been silenced, forgotten, or even plundered. The influence of the Annales School in archaeology offers an analytical framework that allows specific events, such as individual shipwrecks, to be used to interpret broader cultural processes.

KEYWORDS: Conflicts; Historical Archeology; Lower São Francisco River

* Doutor em Arqueologia, bolsista de pós-doutorado Capes (PDPG-POSDOC) do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Instituto AfrOrigens.

** Doutor em Arqueologia. Professor no Departamento de Arqueologia e do Programa de Pós-graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Sergipe (UFS), Coordenador Adjunto do Laboratório de Arqueologia de Ambientes Aquáticos (LAAA-UFS).



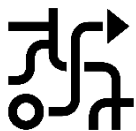
INTRODUÇÃO

Falar sobre a história do rio São Francisco é uma tarefa árdua, devido à sua diversidade cultural, longa extensão e denso histórico de pesquisas históricas e arqueológicas, realizadas nas últimas décadas e muitas outras que estão em pleno desenvolvimento. Nesse sentido, acabamos lidando com um cenário repleto de materialidades associadas ao uso humano em diferentes períodos históricos, com contextos localizados tanto fora d'água como dentro dela.

Visando ampliar essas investigações e destacar as águas como protagonistas essenciais nesta narrativa, desempenhando um papel fundamental na consolidação das tramas sociais que se desenvolveram ao longo de milênios nas paisagens ribeirinhas, surgiram nos últimos dez anos iniciativas de mapeamento do Patrimônio Cultural Subaquático (PCS) no Baixo São Francisco (BSF). Essas iniciativas são fruto do esforço conjunto de diversas instituições. O Laboratório de Arqueologia de Ambientes Aquáticos da Universidade Federal de Sergipe (LAAA/UFS), em colaboração com entidades interessadas na preservação do patrimônio cultural brasileiro, tem se dedicado ao desenvolvimento de pesquisas arqueológicas e à criação de estratégias para a gestão dos recursos culturais na região. O objetivo é promover uma mudança na atual situação de fragilidade que envolve a preservação de vestígios arqueológicos que se encontram parcial ou totalmente submersos.

Atualmente, com o projeto Carta Arqueológica Subaquática do Baixo Rio São Francisco, desenvolvido em parceria com o LAAA/UFS, tem-se buscado criar uma ferramenta pública para preservar sítios arqueológicos subaquáticos na região e contribuir para a narrativa histórica das águas do Velho Chico. Esse projeto abrange uma ampla área, incluindo municípios tanto sergipanos quanto alagoanos às margens do rio. Até agora, 18 sítios arqueológicos subaquáticos foram registrados e outros estão em avaliação, revelando uma diversa cultura material relacionada ao desenvolvimento humano nas águas e pelas águas do BSF (RAMBELLI et al., 2022).

A abordagem do papel do rio São Francisco na formação e desenvolvimento de comunidades humanas ao longo do tempo revela uma diversidade de origens étnicas e culturais que interagiram com suas águas, mantendo práticas sociais comuns, como a navegação e a pesca. Essas atividades foram fundamentais para a agricultura e comunicação entre diferentes grupos humanos, promovendo trocas culturais e formando um mundo simbólico único. Embora a contemporaneidade do rio

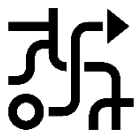


não seja mais dominada por dinâmicas de uso do ambiente aquático como outrora, muitas vezes atuando como um marco delimitador de disputas e conflitos, as transformações humanas recentes, com a implantação de usinas e a reconfiguração de suas paisagens culturais, estão redefinindo seu significado. Assim, a arqueologia do rio São Francisco não se limita ao passado, mas se integra ao presente, destacando a cultura material como uma chave para compreender e expandir o conhecimento histórico da região.

Diante da complexidade e extensão desta ambiciosa missão de construir a narrativa histórica de um rio, este artigo propõe uma análise concentrada na materialidade ligada a eventos de conflitos políticos e confrontos bélicos ocorridos nas águas do BSF. Esses eventos, embora cronologicamente distanciados, compartilham elementos importantes relacionados à presença estrangeira, à motivação da política colonial, a aspectos econômicos e a interesses contraditórios que sustentaram as lutas pela independência. Para isso, utilizaremos como base dois sítios arqueológicos de naufrágios recentemente localizados, que estão em processo de investigação arqueológica e histórica¹. Esses sítios possibilitam abrir caminhos interpretativos para o entendimento de contextos patrimoniais regionais e para a compreensão da conformação da paisagem cultural são-franciscana

Esta análise é fundamentada no exame de contextos arqueológicos ainda em processo de investigação. Os procedimentos de determinação cronológica desses contextos, por meio da datação absoluta de elementos materiais das estruturas náuticas, como madeira e cobre, estão em andamento. No entanto, a averiguação de características técnicas perceptíveis nas estruturas náuticas permite-nos estabelecer determinações cronológicas relativas. Isso nos possibilita estabelecer uma relação entre o PCS e os impactos, regionais e locais, resultantes dos eventos de conflito ocorridos no BSF durante o século XVII, quando a presença holandesa se fez notar, assim como com os movimentos de independência brasileira que surgiram na região a partir da Revolução de 1817. Esses movimentos são resultado de um acúmulo de disputas, tendo o rio como palco e demarcador dos limites de um mundo colonial.

¹ Pesquisa realizada com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Projeto nº: 88887.691667/2022-00 - Arqueologia dos Movimentos de Independência no Baixo Rio São Francisco.



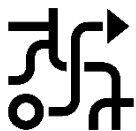
Ao trazer essas potenciais interpretações arqueológicas, ainda que incipientes, promove-se um enfoque epistemológico que aproxima a história e a arqueologia no estudo da cultura material. A investigação de contextos arqueológicos relacionados aos eventos conflituosos, sob essa ótica, permite decifrar gestos repetidos que, ao longo de uma extensa linha temporal, foram apagados e esquecidos nas águas do BSF, alguns deles até saqueados, conferindo um novo sentido ao quadro patrimonial da região.

A HISTÓRIA DE UM RIO: CONFLITOS NO BAIXO RIO SÃO FRANCISCO

O desafio de narrar a história de um rio, especialmente de seu trecho mais próximo do mar, onde as dinâmicas sociais marítimas se manifestam de forma mais intensa, somando-se às dinâmicas de fluvialidade que descem as águas do rio de encontro às águas turvas e salgadas de sua foz, apresenta uma oportunidade interessante no início da construção dessa narrativa histórica, ao mesmo tempo que pluraliza prólogos para essa narrativa. Há diversos caminhos possíveis para iniciar, pois na bacia do Rio São Francisco encontramos evidências arqueológicas de ocupação humana que remontam a aproximadamente 12 mil anos atrás, na região do alto São Francisco. (HENRIQUES JUNIOR, 2006; KOOLE, 2007, 2014; PENHA, 2015).

O projeto Carta Arqueológica Subaquática do Baixo Rio São Francisco tem possibilitado a identificação de contextos arqueológicos variados em termos de épocas e processos de formação distintos. A seleção dos contextos arqueológicos a serem explorados para uma compreensão mais profunda da entidade Velho Chico é motivada, em parte, pela intenção de investigar as repercussões regionais e locais de eventos significativos e processos político-sociais que, apesar de serem muito profícuos na historiografia, não foram explorados em profundidade na dimensão do BSF.

A utilização da cultura material, combinada com outras fontes históricas documentais, revela possibilidades interpretativas até então subestimadas, como a apropriação de elementos da paisagem fluvial nas estratégias de ocupação política do território. Nossa escolha baseou-se na decisão de concentrar nossos esforços na compreensão da materialidade decorrente de eventos específicos, neste caso, o naufrágio de duas embarcações de épocas distintas. Isso nos permite explorar em



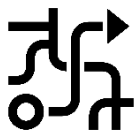
maior profundidade processos históricos de longa duração e em grande escala, possibilitando o acesso a conjunturas históricas e mentalidades imersas na paisagem aquática (STANIFORTH, 2003).

Ao adentrarmos o microcosmo social fragmentado e inerte em uma materialidade colapsada, que chamamos de sítio arqueológico, buscamos um aprofundamento por meio de uma leitura da cultura material – no caso dos restos de uma embarcação, das assinaturas técnicas da construção naval, dos artefatos móveis que pertenciam à carga ou à tripulação, das marcas do processo de afundamento etc. – não apenas para o entendimento mais singular daquela embarcação e a definição de uma identidade, mas também reunindo o máximo de dados históricos que permitam compreender a materialidade em sua dimensão ampla. Isso visa entender as ações e interações sociais adicionadas ao evento do naufrágio, que permaneceram por séculos e são perceptíveis em outros contextos arqueológicos.

Na presente pesquisa, iniciamos o estudo dos sítios arqueológicos *Naufrágio de Neópolis* e *Naufrágio Pacatuba 1* a partir de novembro de 2022, almejando entender como esses contextos podem estar ligados aos conflitos ocorridos no BSF em situações históricas específicas, como as guerras luso-holandesas e a independência do Brasil. Esses eventos apresentam elementos significativos em comum, embora separados por intervalos cronológicos seculares.

Faz parte da práxis arqueológica posicionar, em muitos casos, a cultura material como a primeira e principal fonte de acesso às dinâmicas sociais exercidas na paisagem, que resultaram em testemunhos perceptíveis ao pesquisador. A partir desse momento, demanda-se a expansão da pesquisa por meio da convergência de outras fontes. Isso se reflete principalmente quando os contextos arqueológicos são resultados da identificação não orientada para a resolução de problemas específicos, ou seja, quando surgem de uma “descoberta”. Como a pesquisa aqui tratada deriva de uma ferramenta patrimonial de mapeamento de bens culturais para sua gestão e proteção, a Carta Arqueológica, um instrumento extremamente necessário à realidade brasileira de preservação do PCS (RAMBELLI et al., 2022), esse efeito de interpretação se aplica fundamentalmente.

Com a localização recente dos contextos arqueológicos, tem-se partido para um entendimento mais amplo sobre as materialidades e, com isso, seu estreitamento em reflexões teóricas que se aproximam da história. Uma vez que o estudo dos sítios

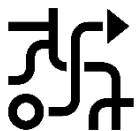


arqueológicos ainda está em uma fase inicial, não estamos em posição de conduzir análises mais aprofundadas relacionadas aos eventos de conflitos até que os contextos arqueológicos estejam melhor definidos. No entanto, alguns elementos já identificados fornecem indícios que nos permitem fazer conjecturas a respeito dessas possibilidades, embora essas considerações possam ser revisadas à medida que a pesquisa avança.

A carência de leituras arqueológicas do PCS no Brasil e do entendimento dos possíveis efeitos regionais de movimentos históricos de grande relevância para a conformação do território, acessíveis através da interpretação da materialidade — algo também pouco explorado pela historiografia —, faz-nos considerar o caráter inédito da presente pesquisa e a necessidade de comunicação científica dos percursos até então tomados, mesmo estando em uma fase inicial de desenvolvimento.

O *Naufrágio de Neópolis* foi identificado inicialmente por meio de uma exploração ilegal (pilhagem) realizada por um pescador/mergulhador da região de vulgo Bruno Peixe, que retirou peças bélicas e âncoras do sítio arqueológico, localizado defronte ao porto da cidade de Neópolis/SE, vendendo esses materiais para o Museu Casa do Penedo e o Memorial de Sergipe da Universidade Tiradentes (SANTOS, 2013). O acervo pilhado é composto por canhões tipo alfa (fabricação inglesa séc. XVIII), tipo bravo (fabricação inglesa séc. XVIII), tipo delta (fabricação inglesa séc. XVIII), tipo echo (padrão francês séc. XVII), um obuseiro de campanha (talvez inglês do final do séc. XVII ou holandês do século XVIII), duas âncoras do tipo almirantado (séc. XIX) e alguns projéteis de artilharia (bolas de canhão).

Apesar de o acervo estar descontextualizado do seu local de origem — o sítio arqueológico —, formado pela retirada indiscriminada de materiais arqueológicos sem qualquer preocupação com o registro e a localização dos objetos no contexto do sítio, o que compromete significativamente a construção de um conhecimento arqueológico sobre a correlação desses artefatos com o restante da materialidade presente no leito do rio, alguns questionamentos são possíveis. Vale pontuar que essa relação predatória do patrimônio cultural dilata os riscos interpretativos do contexto, já que é possível que tenha misturado elementos que se depositaram em momentos diferentes no processo de formação do sítio arqueológico.



Seriam todos elementos partes de um mesmo contexto de naufrágio? O que justificaria a presença de peças de artilharia de diferentes tipos em um mesmo contexto arqueológico na frente do porto de Neópolis? A artilharia pode ser um elemento diagnóstico de uma embarcação militar? Quais eventos ocorridos nos séculos XVIII e XIX podem ter justificado o afundamento de uma embarcação militar?

Responder às perguntas iniciais será uma tarefa que se tornará mais precisa à medida que avançarmos na pesquisa dos remanescentes estruturais da embarcação e dos elementos no seu lugar original (*in situ*) presentes no sítio arqueológico. Embora isso ocorra num futuro próximo, acredito que já possuímos informações que podem ajudar a refinar nossa compreensão e direcionar melhor nossas investigações para obter essas respostas. Por exemplo, as âncoras são significativas para uma datação relativa do contexto, pois âncoras são artefatos náuticos que constantemente se perdem ou são abandonados no tempo de vida útil de uma embarcação. Isso traz dois pontos a serem considerados: primeiro, por ser um tipo de artefato náutico atualizável, torna-se muitas vezes um relevante indicativo sobre o período cronológico em que a embarcação foi utilizada e afundada. Contudo, não podemos desconsiderar que é muito comum em regiões portuárias e em áreas de fundeio de embarcações, paisagens similares ao porto de Neópolis, encontrarmos âncoras perdidas e abandonadas, que muitas vezes se agregam aos contextos de naufrágios, tornando-se parte do sítio arqueológico, mas sendo representativo do processo de formação pós-deposicional do sítio e não do evento do naufrágio, o que pode conduzir a uma datação relativa equivocada para os contextos.

A âncora Tipo Almirantado tem origem em 1813, na Inglaterra. Richard Pering, um artesão, fez modificações significativas nas âncoras fabricadas no Estaleiro de Plymouth. Ele encurtou e curvou os braços das âncoras, diminuiu o tamanho das patas e reduziu a haste em comparação com os modelos anteriores. Essas mudanças foram motivadas pelo fato de as âncoras frequentemente quebrarem nesse local. Após testes bem-sucedidos, essas novas âncoras foram aprovadas pelo Comitê do Almirantado em 1815 e passaram a ser usadas na Armada Britânica, ganhando o nome de âncora Tipo Almirantado. O termo "Âncora Tipo Almirantado" passou posteriormente a ser usado de forma genérica para identificar qualquer âncora com design semelhante às aprovadas pelo Almirantado inglês em 1815. Essas âncoras também são conhecidas como *Stock Anchor*, *Fisherman Anchor*, âncora vulgar,

ordinária ou comum devido à sua ampla utilização. A principal vantagem desse novo modelo era sua capacidade de cravar firmemente no solo marinho e maior resistência dos braços. Posteriormente, novas melhorias incluíram a substituição do cepo de madeira por um cepo de ferro retrátil, facilitando o armazenamento a bordo das embarcações. A partir da década de 1820, novos modelos de âncoras com diferentes *designs* foram sendo desenvolvidos. Os inventores procuravam aliar no mesmo artefato náutico poder de cravação, ótima possibilidade de arrumação a bordo, resistência e baixo peso (GUIMARÃES, 2009).

Se considerarmos que as âncoras pertencem ao naufrágio, estaríamos tratando de uma embarcação que teve sua vida útil nas primeiras décadas do século XIX. Mas o que explicaria as peças de artilharia do século XVIII em uma embarcação do século XIX? Essas peças seriam um indicativo de uma embarcação militar?

Apesar de somente agora estarmos aprofundando o estudo do sítio arqueológico, desde a sua identificação em 2017, e o seu registro junto ao IPHAN, temos anualmente realizado o monitoramento das suas condições de conservação por meio de mergulhos. Nessa atividade, foi possível identificar que o costado da embarcação tem um revestimento com chapas de liga de cobre, uma estratégia *anti-fouling*, que começou a ser implementada a partir da segunda metade do século XVIII, principalmente em embarcações militares devido ao alto custo de aplicação.



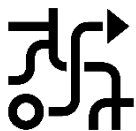
Figura 1: Parte do costado da embarcação do sítio arqueológico *Naufrágio de Neópolis* sendo medido pelo arqueólogo. É possível ver o revestimento *anti-fouling* com chapas de cobre.
Fonte: Autores, 2023.

A correlação da presente informação com os demais conjuntos de dados já nos encaminha para a hipótese de que os vestígios em questão podem estar relacionados a uma embarcação de natureza militar que remonta à segunda metade do século XVIII até as primeiras décadas do século XIX. Este estabelecimento de uma datação relativa estará sujeito a aperfeiçoamentos mediante a realização de análises estruturais detalhadas da embarcação, bem como através da utilização de datação por carbono-14 e da avaliação da pureza da liga de cobre. Tais procedimentos estão programados para serem executados nas fases subsequentes do projeto. Entretanto, mesmo neste estágio inicial, a delimitação desta janela cronológica suscita questões pertinentes sobre os possíveis eventos que poderiam ter precipitado o naufrágio de uma embarcação militar na localidade em questão, instigando assim uma investigação mais profunda sobre os possíveis contextos históricos e circunstâncias que poderiam explicar tal ocorrência.



Figura 2: Parte do costado da embarcação do sítio arqueológico *Naufrágio de Neópolis* sendo medido pelo arqueólogo.
Fonte: Autores, 2023.

Existem fortes indícios de que esta embarcação possa estar relacionada aos eventos ligados à Independência, impulsionados na região a partir da revolução pernambucana de 1817, ou a acontecimentos correlatos como a emancipação da



capitania de Sergipe ou a Confederação do Equador. Tais indícios são respaldados tanto por evidências materiais, conforme mencionado, quanto por relatos orais frequentemente mencionados pela população de Neópolis. Além disso, nas referências bibliográficas, encontramos mais um elemento que contribui para a contextualização do naufrágio: em um trecho do diário do imperador Pedro II, há um comentário sobre sua passagem por Vila Nova, a atual Neópolis:

Houve muitos vivos e foguetes, e mostraram-me um lugar pedregoso onde os holandeses tiveram um curtume, achando-se assestada sobre o monte perto, uma peça que aí mandou colocar por ocasião da Independência, o Barão de Cotinguiba tendo sido achado entre os despojos de um navio de guerra português que deu à costa na barra do S. Francisco, salvou agora. (SODRÉ, 1949, p.106).

É interessante observar que o trecho em questão apresenta certa imprecisão por parte do imperador, possivelmente devido ao fato de serem anotações rápidas e talvez registradas algum tempo depois, após o término de suas inúmeras atividades diárias durante suas viagens. No entanto, é importante mencionar que o Barão de Cotinguiba (Bento de Melo Pereira) e sua tropa desempenharam um papel significativo ao atrasar a travessia de Alagoas para Sergipe pelo contingente patriótico liderado pelo general Labatut (ANTONIO, 2012). Isso não teria sido possível sem a colocação estratégica de peças de artilharia em locais estratégicos, o que confere alguma credibilidade à narrativa de Pedro II. Além disso, na época da viagem do imperador, o Barão de Cotinguiba ainda estava vivo, o que significa que esse relato sobre a heroica defesa dos interesses da Coroa Portuguesa não teria caído no completo esquecimento.

Enquanto o *Naufrágio de Neópolis* abre a possibilidade para entendermos os tensionamentos políticos relacionados aos movimentos de independência, o que torna o nosso personagem, o Velho Chico, mais do que apenas um palco para um conflito, mas um marco territorial estratégico numa disputa por emancipação política. Essa visão não é somente algo que surge nesse momento, o rio enquanto um marco de disputas e de afirmação de uma presença política retoma aos primeiros séculos de colonização, algo que o sítio *Naufrágio Pacatuba 1* pode corroborar a entendermos melhor.

Em meados de novembro de 2022, fomos procurados pelo pescador Carlos dos Santos Alves, residente no povoado Boca da Barra, localizado no município de Pacatuba–SE, onde nos notificou sobre o afloramento na praia de vestígios de uma

porção do casco de uma embarcação de madeira que emergiu, devido às alterações na dinâmica erosão marítima que se intensificou nos últimos anos na região. Considerando a relevância aparente desse achado, uma visita técnica foi conduzida, durante a qual se verificou que a porção de casco, com uma área mínima de 7 m², estava situada na interface entre a praia e a barra. Foi observado que essa seção do casco pertencia a uma embarcação de notável antiguidade. O arqueólogo naval Tiago Miguel Fraga, que realizou a inspeção *in loco*, sugeriu que o casco da embarcação datava possivelmente de antes do século XVIII, dado que não foram encontrados vestígios de ferragens conectando as peças de madeira.

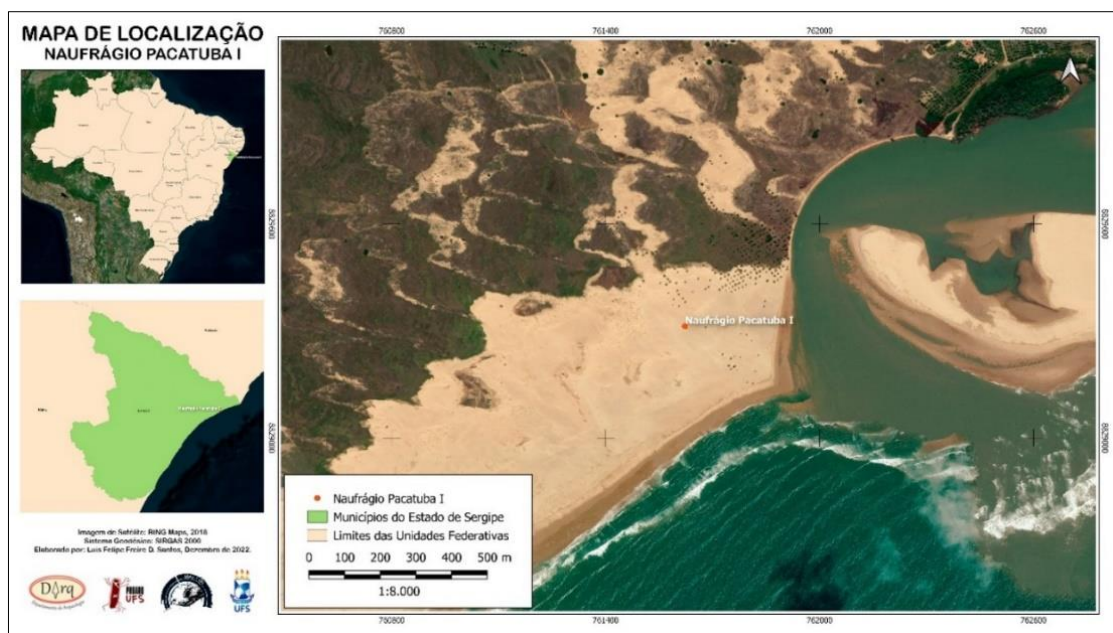


Figura 3: Localização do *Naufrágio Pacatuba 1*.
Fonte: Autores, 2022.

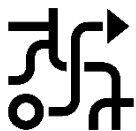
A presença predominantemente de cavilhas de madeira unindo a estrutura interna da embarcação ao revestimento externo constituía um indicativo significativo da antiguidade e da relevância do achado, sendo este, sem dúvida, um achado sem precedentes nas regiões afluentes e tributárias do rio São Francisco. Nos foi informado que aquela não era a primeira porção de costado a aflorar com a erosão, meses antes outra porção havia surgido e foi muito rapidamente engolida pelas águas com a movimentação da boca da barra. Observou-se que parte do casco se encontra exposta à superfície, e havia indícios de que outras peças de madeira podiam estar enterradas sob uma camada substancial de areia. Esta camada de areia aparenta ter se acumulado ao longo de séculos, não resultando de um evento repentino de grande

mobilização de sedimentos. Durante a visita técnica, foi criado um modelo fotogramétrico tridimensional, disponível para visualização no seguinte endereço: [\[https://p3d.in/FFK65\]](https://p3d.in/FFK65).

O fragmento de casco de navio era composto por componentes estruturais, incluindo forro, cavername e algumas peças cuja função não foi determinada com precisão. O forro, que possui 6 cm de espessura, é constituído por onze fileiras de tábuas que estão interligadas entre si na parte superior, embora não tenha sido possível identificar o material utilizado para a junção das tábuas, nem as ligações específicas entre elas. No centro do navio, observa-se a presença de uma peça que pode ser interpretada como um contraforte. No que diz respeito ao cavername, quatro balizas, com dimensões aproximadas de 30 cm de comprimento e 18 cm de largura, estão visíveis, assim como duas cavernas com um espaçamento de 12 cm entre elas e dois braços interligados ao cavername. Não foi possível identificar peças de quilha ou sobrequilha. A análise da pregadura revela que, com exceção de duas cavilhas metálicas de formato circular, a maioria das conexões estruturais do navio parece ter sido feita com cavilhas de madeira que ligavam o forro ao cavername. Além das cavilhas metálicas que conectam uma peça de função desconhecida ao forro, foram identificadas evidências de que pelo menos seis cavilhas de madeira desempenhavam a mesma função (FRAGA, 2022).



Figura 4: Localização do *Naufração Pacatuba 1* na região da barra.
Fonte: Autores, 2022.



A interpretação deste achado é significativa no contexto da construção naval. A espessura do forro externo de 6 cm é uma característica comum na construção ibero-atlântica, como ilustrado por vários exemplos históricos. No entanto, a utilização predominante de pregaduras de metal na ligação entre o casco e o cavername é uma assinatura distintiva da construção naval ibérica. O uso de cavilhas de madeira nessa junção é mais característico da construção inglesa e do norte da Europa, como exemplificado por diversos navios históricos (FRAGA, 2022).

No caso do naufrágio de Pacatuba, o padrão de cavilhamento sugere uma construção mista, onde o casco foi construído antes do forro. Isso está alinhado com uma tipologia de construção específica, encontrada na construção naval holandesa, que enfatiza a importância do forro. No entanto, a ausência de casco duplo, uma característica típica dos navios produzidos nessa região, é o elemento que torna essa correlação de nacionalidade menos provável. No entanto, existem exemplos de navios holandeses com um único forro exterior, embora essa característica seja menos comum. As dimensões do naufrágio de Pacatuba também se assemelham à construção naval com essa tradição naval, especialmente no que diz respeito à proporção entre o cavername e o forro, o que pode indicar influências holandesas na sua construção (FRAGA, 2022).

Diante da descoberta, notificamos as autoridades competentes, incluindo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e a Marinha do Brasil, a respeito da necessidade de um resgate emergencial do achado. O motivo para tal comunicação foi a limitação de recursos e meios do nosso projeto, que inviabilizava a realização dessa atividade por nossa própria conta. No entanto, não obtivemos uma resposta efetiva em relação à situação. Cerca de um mês após a nossa visita inicial, a ação do mar resultou na desagregação do achado. Durante o ano de 2023, ocorreram novas descobertas de fragmentos com características similares em outras áreas da localidade. Nessas ocasiões, conseguimos registrar e coletar pequenas amostras desses fragmentos com o propósito de conduzir análises detalhadas das madeiras, incluindo a identificação das espécies e a dendrocronologia, além de planejar datações por meio de carbono-14.

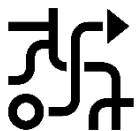
Acreditamos que ainda possam existir estruturas enterradas no local, motivo pelo qual estamos programando ações para identificá-las em breve, antes que sejam

afetadas pela erosão costeira, que atualmente representa o principal fator de degradação dessas descobertas arqueológicas. A possibilidade de estarmos lidando com fragmentos associados a presença holandesa no baixo São Francisco abre o questionamento sobre quais motivos podem ter levado a um naufrágio nessa região. Analisando a cartografia holandesa do século XVII podemos perceber que a região teve alguma importância no tráfego marítimo local, algo que é possível observar no *Præfectura ade Ciríĩ, vel Seregippe Del Rey cum Itâpuáma* de Georg Marcgrave de 1647.



Figura 5: Fragmento da carta *Præfectura ade Ciríĩ, vel Seregippe Del Rey cum Itâpuáma*. Fonte: Georg Marcgrave, 1647.

A barra do Rio São Francisco, localizada ao sul de sua foz, é denominada "*Nieve gat*", que se traduz como "Barra Nova". Esse nome possivelmente faz referência à sua natureza dinâmica, caracterizada por mudanças frequentes ao longo do tempo. Marcgrave, em seus registros, ilustrou duas barras no final do canal Parauna, que formam a chamada "*I. dos Passaros - Reygers eylandt*", traduzida como "ilha das garças" (DANTAS, 2019). Câmara Cascudo (1956, p. 145) acrescenta informações sobre essa área, afirmando que, ao longo do litoral, onde os recursos duráveis para a habitação são escassos, a ocupação humana é ocasional, e que não há indícios de presença humana na Ilha dos Pássaros (*Reygers eylandt*), localizada no braço do Rio São Francisco, antes de Guaratiba, algo que pode ser questionado por pesquisas arqueológicas desenvolvidas na região da Reserva Santa Isabel (SIMOES, 2014). Ele interpreta "*Guaratiba*" como a foz do canal sul do estuário do Rio São Francisco, ou seja, o nome da sua barra. Logo, o *Naufrágio Pacatuba 1* localiza-



se onde um dia foi a boca da barra de Guaratiba, que pode ter sido um ponto de entrada e controle das embarcações holandesas no século XVII. Segundo Gabriel Soares de Sousa:

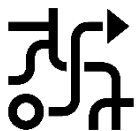
Do rio de São Francisco ao de Guaratiba são duas léguas, **no qual entram barcos da costa** e tem este rio na boca uma ilha, que é a que vem da ponta da barra do rio de São Francisco; este rio se navega pela terra adentro três léguas, e faz um braço na entrada junto do arrecife, por onde entra o salgado até entrar no rio de São Francisco uma légua da barra, por onde vão os barcos de um rio ao outro, o qual braço faz a ilha declarada (SOUZA, 1587, p. 65, **grifo nosso**).

A análise do patrimônio arqueológico subaquático do BSF revela uma intrincada tapeçaria de eventos históricos e sua profunda relação com a paisagem cultural. Neste contexto, é imperativo buscar elementos teóricos que conectem eventos distintos no tempo, buscando semelhanças no que tange às disputas pelo território, com a materialidade arqueológica encontrada. A interdisciplinaridade entre história e arqueologia permite uma compreensão mais holística das dinâmicas sociais, políticas e econômicas envolvidas, além de desvendar aspectos dos conflitos até então difusos.

DIALOGANDO COM A MATERIALIDADE

A potencialidade de múltiplas abordagens a partir da leitura da cultura material e do registro arqueológico permitem que sejam construídas narrativas mais amplas sobre as dinâmicas sociais persistentes na paisagem são-franciscana, algo que é possibilitado pela integração de diálogos epistemológicos com outras ciências humanas. O estabelecimento de obstáculos entre as disciplinas e entre diferentes tendências epistemológicas, atuam como um grave elemento limitador do processo interpretativo e do potencial científico da análise, ao ponto de condicionar a observação e diminuir a liberdade do pensamento (DURAN, 2008; BAVA-DE-CAMARGO, 2009).

As possibilidades de diálogo são ainda maiores para aquelas ciências também dedicadas ao estudo das dinâmicas sociais desempenhadas outrora, como a História, que no século XX ampliou sua produção historiográfica com a expansão da discussão sobre todas as esferas da vida humana, diversificando as fontes e as temporalidades históricas. Assim, ao ampliar seu corpo de análise, despertaram também o interesse pelo estudo da cultura material, proposta da 'história total' da escola dos *Annales*, que possibilitou o intercâmbio com a arqueologia (PESEZ, 2005; DURAN, 2008).

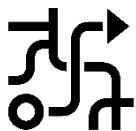


Definir uma escola dos *Annales* talvez seja uma leitura muito reducionista do que foi um grupo bastante diversificado de estudiosos, com diferenças consideráveis em suas abordagens teórico-metodológicas. Para muitos historiadores, a abordagem proposta pelos *Annales* não visou fornecer uma fórmula específica de como fazer uma Nova História, mas sim uma oportunidade de obter uma audiência para ideias inovadoras. Esse impacto pode ser comparado aos efeitos libertadores das “abordagens pós-processuais” na arqueologia, oferecendo oportunidades para o desenvolvimento de novas ideias e narrativas. Isso explica o fato de os arqueólogos terem, nas últimas três décadas, integrado mais amplamente a abordagem dos *Annales*. Embora seja uma adesão tardia a essas ideias, elas já eram inquietações corriqueiras nos círculos históricos há pelo menos quarenta ou cinquenta anos. Naquela época, a maioria dos arqueólogos ainda estava fortemente ligada às abordagens positivistas e hipotéticas dedutivas da arqueologia processual, resistindo firmemente a qualquer alinhamento com a História (STANIFORTH, 2003).

Conforme pontuado por Symanski (2014), a readoção de uma perspectiva histórica na Arqueologia levou alguns de seus adeptos a buscarem modelos de produção historiográfica dos *Annales*, particularmente no modelo de história estrutural proposta por Braudel, com sua noção de que diferentes processos históricos operam em diferentes níveis temporais: os eventos das ações individuais, a conjuntura da história social e o tempo lento da longa duração, que envolvem as relações das sociedades com o ambiente.

Os principais conceitos-chave de uma das perspectivas teóricas abarcadas pela escola dos *Annales* são as três escalas da história de Fernand Braudel (1965), que são: a curta duração - relacionado a acontecimentos (eventos e indivíduos ou tempo individual), a média duração - relacionado às conjunturas (processos ou tempo social) e a longa duração (estruturas geográficas e ambientais ou geo-história e visões de mundo ou mentalidades).

O trabalho de Braudel é de extrema importância no sentido de colocar as massas silenciadas no processo de construção dos conhecimentos em primeiro plano. Para o autor, é necessário compreender que o estudo da cultura material é indissociável ao estudo do capitalismo. Como coloca Pesez (2005, p. 247), “[...] para Fernand Braudel, a vida material é como o andar térreo de uma construção cujo andar de cima é constituído pelo econômico”. Logo, para o consagrado historiador, a



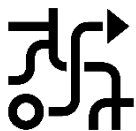
dignidade do estudo da vida material proclama as narrativas sobre as massas e inverte os esquemas habituais, colocando prioritariamente as massas em primeiro plano, buscando primeiramente a leitura dos gestos repetidos, que em uma realidade de longa duração, foram silenciadas e esquecidas. A história da cultura material trata da maioria, vida material e vida econômica são intimamente ligadas e nitidamente distintas. A vida majoritária é constituída pelos objetos, as ferramentas, os gestos das pessoas comuns, adentrando ao aspecto do cotidiano, algo que a arqueologia também vem se debruçando há bastante tempo (PESEZ, 2005).

Para Braudel a longa duração corresponderia à estrutura inserida em uma longa temporalidade na qual a dinâmica histórica é quase imperceptível (BRAUDEL, 1965). Assim, o modelo de Braudel se faz consistente para abordar a temporalidade na arqueologia, já que considera que qualquer evento particular é influenciado por continuidades de longo prazo, as quais incluem os agregados dos eventos prévios, bem como as estruturas e crenças que formam esses eventos (SYMANSKI, 2014).

O maior interesse dos arqueólogos se concentra nas perspectivas de longa duração e na história macro ou de longo prazo, geralmente medida em uma escala de séculos ou milênios. A macro-história leva em consideração as estruturas geofísicas e ambientais, como clima, geomorfologia e localização global, nas quais as ações humanas ocorrem. Devido ao maior apreço pelo conceito de longa duração, as perspectivas de história de curta duração e a arqueologia do evento foram menos usais. Em parte, isso ocorre também porque grande parte do registro arqueológico não se presta a interpretações de eventos. Logo, há uma menor familiaridade por parte dos arqueólogos com o trabalho de Emmanuel LeRoy Ladurie ou Jacques Le Goff e nas produções da terceira e quartas gerações de historiadores dos *Annales*, já que os escritos de Braudel são da segunda geração (STANIFORTH, 2003).

A influência dos *Annales* na arqueologia, ao ilustrar e esclarecer assuntos mais amplos a partir de um caso específico, pode também propor uma estrutura analítica baseada na “arqueologia do evento”, que permite que a especificidade do evento seja usada para interpretar processos culturais de maior escala (STANIFORTH, 2003).

A arqueologia do evento proposta por Mark Staniforth (2003), uma das poucas abordagens no campo aquático, corrobora com a compreensão de que muitos sítios arqueológicos não foram criados como Pompeia, em um único dia, criando a



estereotipada "cápsula do tempo". As evidências arqueológicas não são adequadas para a reconstrução de eventos específicos e os eventos históricos individuais são, na melhor das hipóteses, muito difíceis de identificar no registro arqueológico. Esse debate proposto com a História questionou as suposições que estavam sendo feitas sobre as maneiras pelas quais os sítios estavam sendo criados e transformados.

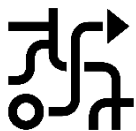
Para a arqueologia, os locais de naufrágios, com aspectos de um evento específico, podem ser parcialmente reconstruídos a partir da leitura da evidência isolada. No entanto, as evidências arqueológicas em associação com a documentação histórica podem ser mais propícias em fornecer uma compreensão mais concisa sobre a história de fatos particulares, a exemplo de naufrágios. Mas eventos igualmente particulares podem ser usados para explorar questões em larga escala de mudança e continuidade cultural (STANIFORTH, 2003).

Como foi definido por Martin (1997, p.10, *apud* DELLINO-MUSGRAVE, 2006, p.26) "um navio é uma sociedade encapsulada, um microcosmo tecnológico e uma expressão de empreendimento predatório, mercantil ou militar, exclusivo de seu tempo e associações". Apesar de naufrágios não poderem ser considerados um reflexo direto da sociedade na totalidade, são unidades complexas que envolvem um amplo espectro de escolhas diversificadas e decisões individuais, não necessariamente sendo uma alegoria direta da sociedade de forma geral.

Ao lidarmos com sítios de naufrágio, uma materialidade resultante de um evento específico, de cunho trágico-marítimo, estamos no nível de abrangência da "arqueologia do evento", mas também incorporando a ele elementos de longa escala, alcançando um potencial interpretativo mais poderoso. O episódio de um naufrágio pode ser visto como resultado das ações e interações de indivíduos e grupos humanos que antecederam e foram incluídas ao evento (STANIFORTH, 2003).

Os sítios de naufrágios podem ser analisados usando duas abordagens principais: em primeiro lugar, é possível vê-los como unidades de transporte autônomas, individuais e únicas, como "cápsulas do tempo"; a segunda abordagem é interpretar a cultura material em termos das sociedades às quais elas estavam vinculadas (STANIFORTH, 2003).

Os navios geralmente representam um enorme capital de despesas para estados ou empresas mercantis e, por conseguinte, geram uma abundante documentação: especificações/plantas de construção, contas relacionadas à



operação realizada pelo navio, registros de manutenção e reparo, cálculos de tonelagem e capacidade, manifestações de carga, provisões, equipamentos e armamento, listas de reunião, registros de comunicação interna (como telegramas e cartas), entre outros. Toda essa carga documental torna-se um grande aliado na reconstrução do evento específico do naufrágio. No entanto, naufrágios são fenômenos arqueológicos complexos, cujos processos de perda, desintegração e eventual estabilização, às vezes podem ser difíceis de entender e quantificar (DELLINO-MUSGRAVE, 2006).

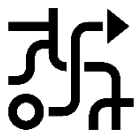
CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao propormos um enfoque epistemológico que aproxima a arqueologia da história na análise da cultura material, abrimos a possibilidade de identificar gestos repetidos que, ao longo do tempo, foram esquecidos nas águas do Rio São Francisco, oferecendo uma nova compreensão para a região. Como foi apresentado, a combinação da cultura material com fontes históricas revela interpretações antes subestimadas, como a incorporação de elementos da paisagem fluvial em estratégias de ocupação e disputas pelo território.

Com a localização dos contextos arqueológicos, avançamos em um entendimento mais amplo das materialidades e, conseqüentemente, em reflexões teóricas mais alinhadas à história, proporcionando acesso a conjunturas históricas e mentalidades imersas na paisagem. Dado que o estudo dos sítios arqueológicos ainda está em fase inicial, não é possível realizar análises mais detalhadas sobre como os eventos dos naufrágios e os tensionamentos ocorridos no BSF se relacionam com os fatores causadores do naufrágio.

No entanto, elementos já identificados fornecem caminhos que nos permitem formular conjecturas sobre essas possibilidades, ressaltando que tais considerações podem ser revistas no futuro à medida que a pesquisa ganha novos desdobramentos, principalmente com os resultados das análises em andamento para a datação absoluta dos contextos.

Apesar da incipiência da análise, foi possível identificarmos elementos significativos que corroboram com uma visão persistente do rio como um marco divisor do território colonial. Com o objetivo de aprofundar essas interpretações, daremos



continuidade às atividades de pesquisa, concentrando-nos especialmente no estudo do Naufrágio de Neópolis.

Atualmente, são empreendidas atividades no sítio arqueológico na área do porto de Neópolis, onde o processo de documentação arqueológica subaquática vem sendo desenvolvido, buscando mais elementos que ajudem a identificar a embarcação e elucidar as circunstâncias que levaram ao seu naufrágio. Em paralelo, também temos seguido com a ampliação da investigação histórica em fontes documentais primárias. Em meio às águas do Velho Chico, cada novo achado arqueológico reafirma sua importância como entidade viva, carregada de tensões, disputas e transformações que moldaram identidades, reiterando a necessidade contínua de investigar e compreender nosso passado, para iluminar o caminho de entendimento no nosso presente.

BIBLIOGRAFIA

ANTONIO, Edna M. M. *A independência do solo que habitamos: poder, autonomia e cultura política na construção do império brasileiro, Sergipe (1750-1831)*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

BAVA-DE-CAMARGO, Paulo F. *Arqueologia de uma cidade portuária: Cananéia, século XIX-XX*. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

BRAUDEL, Fernand. História e Ciências Sociais: a longa duração. *Revista de História*, São Paulo, v. 30, n. 62, p. 261–294, 1965.

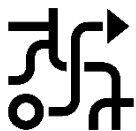
CASCUDO, Luís da C. *Geografia do Brasil Holandês*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1856.

DANTAS, Pedriane B. S. *Pelos caminhos d'água, pelas rugosidades da terra: a construção territorial de Sergipe d'El Rey*. Tese (doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Maceió, 2019.

DELLINO-MUSGRAVE, Virginia E. *Maritime Archaeology and Social Relations*. The Springer Series in Underwater Archaeology. Springer, Boston, MA, 2006.

DURAN, Leandro D. *Arqueologia Marítima de um Bom Abrigo*. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

FRAGA, TIAGO M. *Projecto Pacatuba: Análise de Construção Naval*. Relatório Técnico. Laranjeiras, 2022.



FUNARI, Pedro Paulo A. Arqueologia, História e Arqueologia Histórica no contexto sul-americano. In: *Cultura Material e Arqueologia Histórica*. Campinas: IFCH-UNICAMP, 1998, p. 7-34.

GUIMARÃES, R.S. *Arqueologia em sítios submersos: Estudo de Sítio Depositário da Enseada da Praia do Farol da Ilha do Bom Abrigo*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

HENRIQUES JUNIOR, Gilmar Pinheiro. *Arqueologia regional da província cárstica do Alto São Francisco: um estudo das tradições ceramistas Una e Sapucaí*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

KOOLE, Edward Karel Maurits. *Pré-história da província Cárstica do Alto São Francisco, Minas Gerais: a indústria lítica dos caçadores-coletores arcaicos*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

KOOLE, Edward Karel Maurits. *Entre as tradições planálticas e meridionais: caracterização arqueológica dos grupos caçadores coletores a partir da análise de sete elementos e suas implicações para a ocupação pré-cerâmica da Região Cárstica do Alto São Francisco, Minas Gerais, Brasil*. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

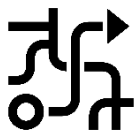
PENHA, Ulisses C. *Prospecção de jazidas líticas em Arqueologia: uma proposta metodológica*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2015.

PESEZ, Jean-Marie. História da Cultura Material. In: *A História Nova*. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p.237- 285.

RAMBELLI, Gilson.; BAVA DE CAMARGO, Paulo F.; DURAN, Leandro D.; SANTOS, Luis F. F. D. *A Carta Arqueológica Subaquática do Baixo Rio São Francisco: Contribuições da Arqueologia de ambientes aquáticos às Expedições Científicas do Rio São Francisco*. In: *Baixo São Francisco: Características Ambientais e Sociais*. 1ed.Maceió: EDUFAL, v. 2, 2022, p. 230-252.

SANTOS, Luis Felipe Freire D. *Nas águas do Velho Chico: por uma Arqueologia de Ambientes Aquáticos do Baixo Rio São Francisco, Sergipe/Alagoas*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2013.

SIMOES, Fernanda L. R. *Arqueologia da Paisagem nas Dunas Holocênicas: o estudo de caso do Sítio Cardoso (Lagoa Redonda, Pirambu, SE)*. Dissertação (Mestrado em



Arqueologia) – Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2014.

SODRÉ, A. *Visita de D. Pedro II à cachoeira de Paulo Afonso*. Anuário do Museu Imperial, Petrópolis, v.10, 1949, p.85-150.

SOUZA, Gabriel Soares de. *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*. Edição comentada por Francisco Adolfo de Varnhagen. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1851.

STANIFORTH, Mark. *Material Culture and Consumer Society: Dependent Colonies in Colonial Australia*. New York: Kluwer Academic/Plenum Publishers, 2003.

SYMANSKI, Lus. C. P. Arqueologia - antropologia ou história: Origens e tendências de um debate epistemológico. *Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia*, v. 2, 2014 p. 10-39.

Recebido em 18/03/2024

Aceito em 28/05/2024